

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM O INDIELISBOA – DIRECTOR'S CUT

28 de abril de 2023

BÖGJÄVLAR / 1977

“Malditos Queers”

Um filme de Olle Holm

Realização: Olle Holm / Produção: Revolt, Riksförbundet för sexuellt likaberättigande, Filmverkstan, Uppror Filmproduktion / Direção de Fotografia: Olle Holm / Montagem: Olle Holm / Música: Håkan Hede, Niklaus Debrunner / Interpretações: Gunnar Almér, Lars Gustafsson, Håkan Hede, Sten Åke Hedström, Olle Holm, Anders Näslund, Pelle Pettersson / Cópia: Digital (DCP), a cores, falado em sueco com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / Duração: 21 minutos / Estreia Mundial: 12 novembro de 1977, Suécia / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

PREJUDICE & PRIDE – SWEDISH FILM QUEER / 2022

Um filme de Eva Beling

Realização: Eva Beling / Produção: Eva Beling / Direção de Fotografia: Niklas Nyberg / Montagem: Patrik Forsell, Jonatan Kaye / Música: Matti Bye / Interpretações: Levan Akin, Harriet Andersson, Kjell Bergqvist, Stina Ekblad, Gösta Ekman, Björn Elgerd, Jonas Gardell, Björn Kjellman, Bruce La Bruce / Cópia: Digital (DCP), a cores, falado em sueco com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / Duração: 103 minutos / Estreia Mundial: 25 fevereiro de 2022, Suécia / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Duração total da sessão: 124 minutos.

Em 2013, Karin Dreijer, vocalista da banda sueca de queer pop The Knife, gritava em *Full of Fire*, numa voz andrógina, furiosa, dissonante, marcada pela rispidez masculina do *vocoder*: *“Let’s talk about gender, baby/ Let’s talk about you and me!”*

Começando pelo fim, consta em *Prejudice and Pride: Swedish Film Queers* que, no ano anterior ao lançamento desta canção, terá havido um boom de realizadores *trans* no cinema sueco, figuras-chave na normalização de personagens *queer* neste cinema: começou a irreleva-se, narrativamente, a necessidade de perceber as intenções destas personagens, ou lhes sublinhar

um qualquer destino trágico, de modo a justificar as suas afirmações de género – estereótipos habituais no olhar heteronormativo que percorreu o cinema no país. Agora, xs discriminadxs poderiam, finalmente, partilhar o seu lado da história.

Apesar desta tradição de marginalização *queer* ao longo da cronologia cinematográfica da Suécia, é facto que, comparativamente a alguma parte do ocidente, o país se terá antecipado na abertura para questões de género e sexualidade. Embora a legalização de relações entre pessoas do mesmo sexo se tenha efetivado, apenas, em 1944 (num contexto europeu, bastante depois da França em 1789, mas antecipando-se, por uma larga margem, a Portugal, em 1983), seriam já várias as suas representações na produção fílmica do país. *Vingarne*, de Mauritz Stiller (uma adaptação de *Michael*, romance dinamarquês escrito nos primeiros anos do século XX) realizado em 1916, é considerado, em *Prejudice and Pride*, o primeiro filme *queer* na história do cinema mundial, apresentando, declaradamente, uma relação amorosa entre dois homens. Para além deste exemplo, destaca-se ainda a quantidade de personagens que se transvestem de outro género ao longo da filmografia do país, remontando a *Dances from Different Times* de 1909, e percorrendo uma cronologia de mais de 100 títulos. Terão sido algumas destas manifestações que levaram a que uma audiência americana, – não só durante os 30 anos do Hays Code, mas indo até à década de 70 – exposta à filmografia do país através de nomes como Ingmar Bergman, ou ao sucesso espalhafatoso de *Jag är nyfiken – en film i gult* no final dos anos 60 (até hoje um dos “filmes estrangeiros” que mais vendeu nos Estados Unidos), olhasse a Suécia como uma nação depravada e imoral. No trailer de *Kattorna* de Henning Carlsen, que estreara nos Estados Unidos em 1969, uma voz americana, masculina, fascinada por um qualquer exotismo estrangeiro, introduzia o filme, dizendo: “Can a normal woman have two kinds of sexual urges? Only the swedish talk so openly about heterossexuals, homossexuals and, now, bissexuals!”.

Olhando para um documentário como *The Celluloid Closet* – que, em termos formais e expositivos, terá sido, nitidamente, a grande influência para este *Prejudice and Pride*, ainda que o primeiro não tenha surgido no contexto necessário a percorrer uma cronologia tão alargada – percebemos o tom escandaloso na voz deste homem. As representações de relações homossexuais ao longo de grande parte da história do cinema americano quando ausentes de uma punição moral (veja-se *Rope* e *Ben-Hur*), terão sido reduzidas a *innuendos* que facilmente passariam despercebidos ao público heterossexual; noutros casos, quando sugeridas mais abertamente, as personagens homossexuais eram vilanizadas, (veja-se *Caged* e *Rebecca*), tidas como perversas e imperdoáveis. Na Suécia, ainda que as mesmas sugestões e estereótipos tenham ocorrido, e a homossexualidade, legalizada em 1944, tenha sido vista como uma doença

mental até 1979 - esta abolição no país deu-se com a manifestação pós-irónica (já, de algum modo, camp) de um grupo de ativistas gay que telefonaram para os seus locais de trabalho, afirmando que não poderiam ir trabalhar por se “sentirem homossexuais” – evidenciava-se uma liberdade de expressão artística que não era partilhável com a dos Estados Unidos.

Apenas a perceção deste contexto político-artístico, e desta reação disruptiva por parte dos ativistas suecos em 79, permite compreender o surgimento de um filme como *Böjävlar* em 1977, obra-manifesto que exemplifica o dia-a-dia de um conjunto de homens gay na Suécia da década de 70. A sua audácia humorística aponta aos mais diversos alvos: referencia sequências de cinema mudo (*Prejudice and Pride*, também joga, curiosamente, com os intertítulos do cinema deste período) estabelecendo-lhes um discurso reverso, onde os intervenientes homossexuais personificam estereótipos heterossexuais (ato que parece predir, por mais de uma década, as influentes considerações sobre performatização do género que Judith Butler popularizou) ao mesmo tempo que expõe a intimidade amorosa entre vários homens, impensáveis no cinema americano da mesma década. Porém, o mais surpreendente será, provavelmente, a confiante leveza do conjunto: os homens homossexuais que, ali, vemos, vivem em coletivo num espírito de companheirismo, caminhando até ao otimismo da conclusão em que, do preto e branco, floresce a cor. Estamos muito longe do homossexual depravado, das vampiras lésbicas ou do melodrama americano de *Philadelphia* feito décadas depois, a tal ponto que *Böjävlar* seria disruptivo, mesmo se realizado nos dias de hoje. O deslocamento que convoca leva-nos a questionar – e admirar – o aparecimento deste objeto estranho na história do cinema sueco e é, nesse pedido de socorro, que surge a diegese explicativa de *Prejudice and Pride: Swedish Film Queers*, como que uma outra folha de sala para o primeiro filme. Um dos relatos que nos permite uma contextualização mais alargada desta curta-metragem, diz-nos que *Böjävlar*, na altura, terá sido exibido na televisão pública sueca. É esta a gota de água numa qualquer tentativa de comparar a representação *queer* no cinema da Suécia e dos Estados Unidos.

Já nos versos citados de *Full of Fire*, vemos uma interpelação de *Let's Talk About Sex* do trio norte-americano Salt N' Pepa. Ao potencial pop do original – e note-se como do “sexo” passamos ao “género” - a banda sueca introduz-lhe a urgência, a efervescência, a identidade que brota, sem piedade ou misericórdia, para com qualquer condescendência.

Miguel Pinto